
Estratégias conversacionais no diálogo construído: em busca de uma teoria da “conversação literária”

Dino Preti

Resumo

Este texto procura definir as estratégias conversacionais usadas pelas personagens, no diálogo literário, para atingir seus objetivos na interação verbal, considerando-se as condições pragmáticas que cercam o diálogo construído. Intenta apresentar, por meio de exemplos do romance de Graciliano Ramos, as várias etapas que constituem uma teoria para a análise da “conversação literária”.

Palavras-chaves: diálogo literário; estratégias conversacionais; variações lingüísticas; fatores pragmáticos na conversação.

Introdução

As gravações em fita magnética e, mais do que elas, as gravações de vídeo têm possibilitado, hoje, uma documentação bastante eficiente da interação verbal na conversação, trazendo para a análise lingüística a reprodução dos atos de fala tal como se realizaram.

No entanto, sabemos que nem sempre podemos ter à mão esses instrumentos tecnológicos para documentar características da conversação e, não raro, recorremos à nossa memória para reproduzir estratégias discursivas ou a documentos escritos da mídia ou da literatura, para exemplificar nossas teorias. Assim, se fizermos um levantamento dos textos lingüísticos que tratam de problemas interacionais na língua falada, vamos encontrar um grande número de diálogos escritos publicados pela imprensa, transcrições de entrevistas, crônicas etc., bem como muitos textos literários, notadamente da prosa de ficção. Isto para não falarmos da exemplificação ligada aos *cartuns*, às revistas em quadrinhos, à propaganda, também presentes na documentação de textos falados.

Quer dizer, podemos entender cada uma dessas fontes como repositórios de modelos falados, de esquemas de diálogos reais, guardados na memória de quem escreve com indicação, não raro, do que podemos chamar de *estratégias conversacionais* ou *estratégias comunicativas*. Elas podem resultar das intenções que precedem o ato conversacional ou de alterações ocorridas durante o seu andamento. Referimo-nos a uma entidade pragmática, que pode ser revelada pelo narrador ou pelos próprios interlocutores, ocasionando possíveis alterações de seu comportamento verbal. São formas que os falantes planejam no início ou durante o andamento do diálogo para expressar ou não o que realmente pensam; para se fazerem compreender de uma maneira que lhes interessa; para ocultarem intenções não explícitas em seus atos; para revelarem sua aproximação ou afastamento do interlocutor; para buscarem compreensão ou entendimento, etc.

Goffman (1989) cunhou, com propriedade, de "*modus vivendi* conversacional" o ato de os interlocutores procurarem interagir, evitando conflitos (que, apesar de tudo, podem ser, às vezes, a intenção dos falantes ou de um deles), choques decorrentes de possíveis perda ou sustentação da *face*. Tais estratégias comunicativas, também, podem estar presentes na escrita e, não raro, as encontramos no contexto da "conversação literária" como elementos que nos permitem compreender melhor o perfil psicológico dos interlocutores, seu real estado no diálogo, justificando as técnicas lingüísticas que empregam para abordar certos temas, influir sobre o ouvinte, revelar poder ou submissão, dar realidade a palavras que escondem estados de espírito muito diferentes do que parecem demonstrar.

Intervenções oportunas do narrador, na prosa de ficção, servem para esclarecer os *traços da enunciação*, "conjunto de indícios deixa-

dos, consciente ou inconscientemente pelo narrador, durante o relato" (URBANO, 2000, p. 21), elementos pragmáticos fundamentais para percebermos as estratégias conversacionais empregadas pelas personagens, as marcas de interatividade no *diálogo construído*.

Este artigo decorre de um projeto que pretende mostrar caminhos para descobrir, no diálogo literário, possíveis esquemas conversacionais, que se revelam na construção de textos de ficcionistas brasileiros, em certos momentos de sua obra, considerado o contexto histórico-cultural que os autores descrevem e os modelos de competência comunicativa que interiorizaram e atribuem a suas personagens.

Daremos preferência aos romancistas conhecidos pela sua habilidade na construção de suas personagens, cuja linguagem se revela um dado importante para a compreensão das cenas e dos fatos em que se envolvem. Por uma questão de espaço, vamos ater, aqui, apenas à análise de exemplos do romance *Caetés*, de Graciliano Ramos, publicado no início da década de 30.

1 Uma teoria da "conversação literária"

Ao situarmos nosso tema dentro dos limites da prosa literária, somos imediatamente tentados a discuti-lo em planos estéticos, ou seja, não apenas referentes aos movimentos literários ou a determinado momento histórico e sua conseqüente ligação com os estilos de época, mas também às próprias relações entre arte e realidade, entrando em problemas de teoria literária, como a verossimilhança entre o texto criado e os fatos reais que podem ter-lhe servido de base. Dizer que esses problemas podem ficar alheios à análise de nossos modelos de conversação seria ignorar a amplitude de informações de que o analista da "conversação literária" deve munir-se, para compreender as estratégias conversacionais. Mas não é por essas trilhas que pretendemos caminhar aqui.

Por outro lado, em momento algum queremos afirmar que os diálogos construídos podem representar exatamente a conversação natural, cujas marcas mais autênticas (marcadores conversacionais, hesitações, frases incompletas, repetições, sobreposição de vozes, etc.) nem sempre se revelam nos textos escritos, pois uma tentativa de mera transcrição da fala poderia não coincidir com a expectativa do leitor de um texto literário.

Mas as personagens literárias poderiam revelar em seu diálogo estratégias comunicativas ideais, surpreendendo-nos pela forma como expressam, simulam ou escondem suas intenções; como marcam com suas palavras uma aproximação ou um distanciamento de seu interlocutor; como fingem camaradagem ou revelam hostilidade; como chegam por meios verbais diferentes ou até pelo próprio silêncio aos mesmos fins; como se tornam intencionalmente claros ou obscuros no que pretendem comunicar.

Os diálogos construídos na ficção podem operar, às vezes, por padrões ideais, revelando-nos de forma mais precisa as ligações entre

estados interiores das personagens e sua expressão verbal, pois informações contextuais do narrador esclarecem-nos, quem sabe com mais precisão, os reais estados psicológicos das personagens ao articularem certas estratégias na conversação. Não se trata, evidentemente, de vermos em tais textos formas mais "corretas" de falar na linguagem natural, mas, sim, de encontrarmos modelos mais eficientes de comunicação em busca de certos fins.

Nesse sentido, como reconhecem TANNEN e LAKOFF (1994, p.139), acostumados à análise da conversação natural em fitas de gravação, "somos atingidos freqüentemente de um modo perverso pela sua aparente falta de naturalidade, pela sua dificuldade em ser compreendida. Comparada com o diálogo numa peça ou num romance, a conversação natural nos atinge com o que não esperamos, não operando por um padrão preconcebido."

O conhecimento de exemplos de conversação, interiorizados pelos escritores em várias épocas e expressos na linguagem de suas personagens, poderão conduzir-nos, pois, à revelação de estratégias conversacionais, que podem aproximar-se ou não da fala natural ou até figurarem como modelos de uma interação ideal.

1.1 Os fatores extralingüísticos

Quando analisamos uma conversação natural sempre devemos ter em conta algumas características ligadas aos interlocutores ou às condições que os cercam, enquanto interagem:

Pode-se fazer a análise das variações de comportamento lingüístico dos falantes, tomando-se como base as **variáveis sociais**, considerando-se, nos falantes, a sua faixa etária, sexo (gênero), profissão, escolaridade, origem geográfica, bem como suas **variáveis psicológicas**, seu tipo de pessoa que explicaria muitos aspectos de sua linguagem, como, por exemplo, seu ritmo de voz. Essas variações, associadas à **situação de comunicação**, isto é, às condições em que se desenvolve a conversação (local, grau de intimidade entre os falantes, tema etc.) poderiam fornecer pistas para uma análise próxima da realidade do comportamento lingüístico de um falante, permitindo classificar sua linguagem como **culta, comum, vulgar** etc. (PRETI, 1997, p. 44)

Da mesma forma, no diálogo literário, o contexto, a qualificação das personagens poderão facilitar-nos a compreensão da linguagem utilizada. Vejamos, este fragmento de diálogo em que, entre os vários interlocutores, um é promotor público. Durante a interação, que ocorre num salão de bilhar, ele pretende valer-se de sua condição profissional, para justificar atos errados que cometera e que resultaram na liberdade de um criminoso:

Ex. 1.

- Continuamos nós? Perguntou o italiano

- Não vale a pena, respondi. Seu Silvério, o tempo.

E, recolhendo o troco:

- Sempre os senhores puseram na rua o Manoel Tavares, hein?

- Eu não! Exclamou o Dr. Castro. Foi o júri.

- O júri? Estranhei. O senhor também. Está visto. O senhor apelou?

.....
- Não se afobem, meus amigos. Contenham-se. (...)

- Quem é que está brigando, seu Varejão? Retorqui de mau modo.

- É que os senhores conversam aos gritos. E o Neves passou aí em frente, parou acolá na esquina. Quando andarem fuxicando, não vão pensar que fui eu.

- E o senhor julga que eu me importo com o Neves? Não me importo, não tenho medo dele. Nem dele nem de ninguém, bradei com falsa coragem, porque todos aqui temem o Neves.

- Exatamente o que ia dizer, declarou o Dr. Castro. Não tenho medo de ninguém, nem do Neves nem de ninguém. De ninguém! Tenho a minha consciência. Era o que eu ia dizer. A minha consciência. E sou bacharel.

- Ah! É bacharel? Meus parabéns.

E olhei-o com escárnio por cima do ombro do Pascoal, que se meteu de perneio. Aparentando calma, comecei a escovar a gola do paletó, esforçando-me por ter firmes os dedos, que tremiam ligeiramente.

- João Valério, gritou Isidoro com raiva, você vem ou fica?

- Já vou, Pinheiro. Foi você que perguntou ao Dr. Castro se ele era bacharel? Eu não fui. Foi você, Pascoal? Foi o senhor, seu Varejão? Também não foi. Está aí.

O Dr. Castro deu dois passos, apoiou a mão gorda na tabela do bilhar:

- Senhor Valério!

- É discurso?

- Com mil diabos! Exclamou Isidoro.

- Não, senhor, gaguejou o promotor roxo. Não sou nenhum tolo, está ouvindo? E não tenho medo de ninguém, compreende? Nem do senhor, nem do Neves, nem de ninguém. Não sou nenhum tolo.

- O senhor disse.

- Já. Era o que eu queria dizer. E a minha consciência é limpa.

- Qual consciência! Soltou Manoel Tavares porque lhe mandaram que não apelasse. Ora consciência!

- Consciência, sim senhor. Consciência! E não admito. Sou amigo de todos, não gosto de questões, mas não admito. Nas atribuições inerentes ao meu cargo... É isto mesmo, está certo. Tenho integridade, não vergo, tenho... tenho integridade.

- Bonito! Recebeu ordem...

- Não recebo ordem, não me submeto. Firme, entende como é? Escravo da lei, fique sabendo. Comigo é em cima do direito, percebe? Desde pequeno. A minha vida é clara. Cabeça levantada, com desassombro, na trilha do dever, ali na linha reta, compreende? Ora muito bem. Não ando seduzindo mulheres casadas.

- Como?

- É isto mesmo. Não vivo com saltos de pulga, ninguém encontra em mim rabo de palha. Amigo de todos, mas com seriedade, sem maroteiras.

.....
- (...) O que eu quero é que este idiota me diga...

- Idiota é sua mãe.

- ... quais são as maroteiras minhas que ele conhece. (RAMOS, 1993, p.180-1)

Pelo contexto da narrativa, sabemos que João Valério, o narrador e também principal personagem da história, é um modesto contador que se envolve com Luísa, mulher de Adrião, em cujo armazém trabalha. O romance, embora ocultado pelos amantes, acaba motivando desconfianças na pequena cidade de Palmeiras dos Índios, onde vivem. Algumas personagens, entre as quais o promotor Castro, procuram valer-se das suspeitas para acusar João Valério. Posteriormente à cena que citamos, que termina numa tentativa de agressão, o advogado encaminhará uma carta de denúncia a Adrião.

Há algumas características da linguagem do Dr. Castro que se explicam pela sua profissão:

- A minha consciência! E sou bacharel.

.....
- Nas atribuições inerentes ao meu cargo...É isto mesmo, está certo. Tenho integridade, não vergo, tenho... tenho integridade.

.....
- Escravo da lei, fique sabendo. Firme, entende como é? Es-

cravo da lei, fique sabendo. Como é em cima do direito, percebe? Desde pequeno. A minha vida é clara. Cabeça levantada, como desassombro, na trilha do dever, ali na linha reta, compreende? Não ando seduzindo mulheres casadas.

- Como?

- É isto mesmo. Não vivo com saltos de pulga, ninguém encontra em mim rabo de palha. Amigo de todos, mas com seriedade, sem maroteiras.

Como foi pego de surpresa por João Valério, que já o provocara antes, pois reconhecia nele um homem que se defendia mal, recorreu à acusação moral, valendo-se de um conhecimento partilhado pelo interlocutor, embora só houvesse suspeitas sobre o caso amoroso.

A sua constante referência à lei, ao direito, à sua condição de bacharel e à sua propensão para o discurso marcam bem sua linguagem como própria de um homem que trabalha no júri.

Por outro lado, a provocação de João Valério se deve menos ao seu senso de justiça do que ao fato de o Dr. Castro ser o futuro genro de Nazaré, seu conhecido, que revelara em cena anterior, por meio de indiretas, ter conhecimento de seu caso com Luísa. Não podendo vingar-se de Nazaré, passara a provocar o Dr. Castro.

Vemos, pois, que o levantamento das variáveis socioculturais das personagens, seu tipo psicológico (Valério, por exemplo, é um tímido e essa condição se evidencia na sua insegurança em formas indiretas de acusação), bem como justificativas de ordem pragmáticas, relativas aos fatos que lhe antecedem, nos permitem compreender melhor o comportamento verbal dos interlocutores. Mas, ainda assim, é insuficiente para analisarmos as estratégias conversacionais de cada um durante a interação.

Além disso, é importante na interação que o falante conheça o estilo normal de seu interlocutor, isto é, o que pode ser esperado de sua competência lingüística, baseado em conhecimentos anteriores do mesmo interlocutor. É uma suposição, às vezes, mas lhe permite utilizar certos recursos, como, no Ex. 1, a ironia em relação aos valores morais do Dr. Castro, no exercício de sua profissão, colocando em perigo sua face e colaborando para a sua disfluência na fala.

1. 2 *As estratégias conversacionais*

Poderíamos situar o estudo dessas estratégias dentro da Análise da Conversação, mas também das teorias da Pragmática e da Análise do Discurso. "Esse tipo de trabalho acrescenta-se às pesquisas sobre argumentação, que igualmente estudam os sutis jogos tecidos pelos interlocutores durante a dinâmica comunicativa; o encadeamento de suas intervenções e aí estreitamente dependente de estratégias de captação da palavra, de um trabalho implícito de negociação permanente. (...) O diá-

logo é menos um intercâmbio harmonioso de informações do que uma rede flexível na qual cada um tenta aprisionar seu co-enunciador." (MAINGUENEAU, 1996, p. 23) E nesses embates, que podem chegar até à violência, os falantes tentam evitar as ameaças de desvalorização de sua imagem social na conversação, salvando ou perdendo a face, para usarmos a conhecida teoria de Brown & Levinson (1987), que relaciona a linguagem ao comportamento social.

Um dos problemas que tem merecido atenção por parte dos estudiosos da Análise da Conversação refere-se às diferenças entre a língua falada e a escrita. Várias perspectivas de análise tem sido desenvolvidas (cf. MARCUSCHI, 1997, p. 127-139), mas hoje se insiste na idéia de um *continuum* entre duas modalidades, "mesmo porque existe uma escrita informal que se aproxima da fala e uma fala formal que se aproxima da escrita, dependendo do tipo de situação comunicativa. Assim, o que se pode dizer é que a escrita formal e a fala informal constituem os pólos opostos de um contínuo, ao longo do qual se situam os diversos tipos de interação verbal." (KOCH, 1992, p. 68-9) Mas, embora se evite falar em diferenças absolutas, um dos aspectos apontados nesse confronto diz respeito ao planejamento na língua falada e na escrita. E esse enfoque tem muito a ver com a perspectiva interacional em que se coloca este estudo das estratégias da conversação.

De uma maneira geral, lembramos que autores como Bernstein (1971), Halliday (1985) e Ochs (1979), entre outros, insistiram em algumas dicotomias mais rigorosas que levaram às conhecidas oposições entre fala e escrita: contextualizada/descontextualizada; implícita/explicita; redundante/condensada; não planejada/planejada; imprecisa/precisa; não normatizada/normatizada. (cf. Marcuschi, 1997, p. 127)

Uma dessas características nos chama particularmente a atenção, pois se refere à fala como atividade não-planejada, tendo em vista que uma conversação pode ser iniciada numa determinada direção e alterar-se completamente, em função das intervenções de um dos interlocutores, de sorte que, às vezes, a própria intenção que levou um falante a iniciar determinada conversação perde-se ao longo dela, com a projeção de outro ou outros tópicos, que nem sequer haviam sido imaginados ao início. Assim, no Ex. I, o andamento da conversação acaba por levar os interlocutores a um conflito, não pela absolvição de um réu pelo Dr. Castro, mas pela alusão ao caso amoroso entre Valério e uma mulher casada.

Mas é preciso lembrar que, freqüentemente, iniciamos uma conversação com propósitos determinados e, pelo menos num primeiro momento, utilizamos certas estratégias discursivas na abordagem do tema que prevemos. E não se trata apenas de uma elaboração prévia de um conteúdo para um tópico, de uma seqüência imaginada de argumentos, mas até da preparação prévia de certas formas de dizer para expressar sentimentos reais ou falsos ou até estados dúbios. Assim, no Ex. I, Valério provoca o Dr. Castro por meio de uma frase com uma implicatura

conversacional bem clara, tendo em vista os conhecimentos partilhados por todos os presentes: "Sempre os senhores puseram na rua o Manoel Tavares, hein?"

São do dia-a-dia exemplos em que começamos a elogiar o interlocutor, para depois lhe pedirmos um favor; em que dizemos frases de duplo sentido para não revelar diretamente um sentimento; em que falamos das virtudes de um comportamento, para depois fazer uma crítica; em que tentamos alternar um comportamento mais danoso para continuar um diálogo de um modo mais agradável ao nosso interlocutor. Essas estratégias prévias que fazem parte da habilidade do falante em tratar certos temas contrastam com outras em que os interlocutores se envolvem em conflitos, desde o início, por revelarem abruptamente as reais intenções de suas palavras. A propósito, aludindo à teoria das *faces*, e à necessidade de estratégias para mantê-la na conversação, afirma MAINGUENEAU (op.cit. , p.128) : " É contudo necessário se autodesvalorizar um pouco para valorizar o outro e ser, em compensação, valorizado por ele. Daí um trabalho incessante de negociação entre forças contraditórias."

É evidente que tais estratégias podem mudar repentina e seguidamente ao longo da conversação, diluir-se, exigir replanejamentos contínuos, que são criados em função das intervenções de nosso interlocutor. Talvez, por isso, teóricos resolveram atenuar essa característica das modalidades de língua, falando, como Ochs (1979), em "planejamento restrito", incluindo a própria escrita que, em última análise pode, também, dependendo de sua finalidade e de seu gênero, não revelar maior planejamento (um recado, um bilhete pessoal é redigido, em certas circunstâncias, sem revelar um plano determinado na exposição das idéias e até em sua sintaxe).

Na modalidade falada, poderíamos concordar com KOCH (1992, p. 69), quando, referindo-se à conversação natural *face a face*, afirma:

1. é relativamente não planejável de antemão, o que decorre, justamente, de sua natureza altamente interacional; assim, ela é *localmente planejada*, isto é, planejada e replanejada a cada novo "lance" do jogo;
2. o texto falado apresenta-se "em se fazendo", isto é, em sua própria gênese, tendendo, pois, a "pôr a nu" o próprio processo de sua construção;
3. o fluxo discursivo apresenta descontinuidades freqüentes, devidas a uma série de fatores de ordem cognitivo/interativa e que têm, portanto, justificativas pragmáticas;
4. o texto falado apresenta, assim, uma sintaxe característica, sem deixar de ter, como fundo, a sintaxe geral da língua.

O diálogo construído se presta a uma análise das relações entre os propósitos iniciais do falante na interação e as estratégias que escolhe para desenvolvê-las, porque podemos servir-nos das informações

do narrador e do contexto. Permite, ainda, que observemos, também, o resultado dessas estratégias prévias ao longo da conversação, bem como o seu processo de replanejamento, tendo em vista o andamento da conversação. Sabemos que a falta desse replanejamento pode determinar, por exemplo: o fracasso das intenções iniciais do falante; a ocorrência de problemas como o silêncio dos interlocutores e a interrupção do processo interativo pelo conflito entre eles (no Ex. I, Valério, que passa de acusador a acusado, não define nova estratégia discursiva e parte para a injúria e tentativa de agressão) e a perda da *face* (no Ex. I, o Dr. Castro, ao receber a acusação de desonestidade profissional, perde a *face*, perturba-se e começa a gaguejar).

Durante o desenvolvimento da conversação, podem ocorrer “pressões de ordem pragmática que acabam por sobrepor-se às exigências da sintaxe. Isto significa que o locutor, freqüentemente, vê-se obrigado a “sacrificar” à sintaxe em favor das necessidades da interação, fato que se traduz pela presença, no texto falado, de falsos começos, anacolutos, orações truncadas etc., bem como a recorrer com freqüência a inserções de vários tipos, a repetições e a paráfrases, com o intuito, entre outros, de garantir a compreensão de seus enunciados pelo parceiro.” (id., p.70)

No Ex. I, o Dr. Castro, tomado de surpresa pelas acusações violentas e pela ironia mordaz de Valério, repete insistentemente o que julga ser o seu argumento principal de defesa, isto é, o fato de ser um promotor, um homem que trabalha com a justiça, do que infere ser um homem justo (“tenho... tenho integridade”; “A minha consciência. E sou bacharel”). Além disso, revela a busca desesperada de uma estratégia na interação, pelas hesitações e, finalmente, define um ataque ao interlocutor como estratégia de defesa. Valendo-se de um subentendido, de uma implicatura conversacional (“Não ando seduzindo mulheres casadas”), ataca a conduta moral de João Valério, o que leva a conversação a um conflito.

É interessante lembrar que as estratégias discursivas de ataque de cada interlocutor se baseiam em princípios éticos, ora relativos à vida profissional, ora à vida familiar. Então, com estratégias iguais chegam a um resultado igual (o que Tannen e Lakoff, 1994, denominam de *identidade pragmática*): ambos perdem sua imagem social (sua face), as acusações ficam sem resposta e falas sobrepostas indicam a violência e a agressão:

- O que eu quero é que esse idiota me diga...
- Idiota é sua mãe.
- ...quais são as maroteiras minha que ele conhece.

A propósito do conflito na conversação e de suas causas, lembram TANNEN e LAKOFF (op.cit., p. 140), referindo-se a Cenas de um casamento, de Bergman que “a hostilidade não é expressa, portanto, pela confrontação (que é inconcebível), mas pelo sarcasmo, ironia, impessoalidade”. No texto que analisamos, é, também, a ironia de Valério so-

bre a condição profissional do interlocutor, suas perguntas retóricas aos demais presentes, ridicularizando o interlocutor ("Ah! É bacharel? Meus parabéns"; "Foi você que perguntou ao Dr. Castro se ele era bacharel? Eu não fui. Foi você, Pascoal? Foi o senhor, seu Varejão? Também não foi. Está aí.") bem com a aparente impessoalidade e o subentendido da frase do Dr. Castro ("Não ando seduzindo mulheres casadas.") que exacerbam a hostilidade do diálogo, levando os interlocutores à perda da face e à confrontação final.

No Ex. I, analisamos um diálogo construído em que se observam características linguísticas que remetem à influência a priori de fatores socioculturais (profissão e status de um das personagens), além de estratégias conversacionais preparadas de início ou geradas pelo andamento da interação.

Vejamos, em seguida, como João Valério e Luísa terminam o seu caso, numa cena em que estratégias apriorísticas da conversação revelam-se iguais, a princípio e, depois, diversas, para um resultado comum ao final, desejado por ambos:

EX. 2

(Denunciados por uma carta anônima – na verdade escrita pelo Dr. Castro – Luísa e João Valério são forçados a separar-se. Adrião, que já se encontrava doente, tenta o suicídio. Ferido gravemente, sobrevive apenas oito dias. Valério, ante a repercussão do fato, afasta-se da casa de Luísa por mais de dois meses. Reconhece para si mesmo que o amor terminara e não sente mais vontade de reencontrar a amante. Mas, instado por um amigo que conhecia o caso, resolve seguir seu conselho e propor casamento a Luísa como forma de reparar-lhe os danos morais causados no contexto da pequena cidade, onde a história se passa.

Procura-a, sem êxito, várias vezes. Ela sempre lhe dá uma desculpa para não recebê-lo. Por fim, resolve tentar por uma última vez e ela dispõe-se a recebê-lo. Valério arrepende-se de ter ido e a surpresa da decisão de Luísa o deixa indeciso sobre as mínimas estratégias que deve tomar na conversação, começando pelo tratamento gramatical que lhe deve dar, considerando que ela é, ao mesmo tempo, sua amante e dona do armazém em que trabalha. Hesita, pois, entre uma forma nominal íntima - Luísa - e um forma de tratamento mais respeitosa - D. Luísa - que só utilizara antes, na presença de outras pessoas)

Muito bem. Eu ia tornar-me importuno, não a deixaria tão cedo, e a responsabilidade do rompimento ficava para ela. Fui ao casarão oito dias a fio. Antes do trabalho acendia um cigarro, chegava lá, apressado:

- A senhora já saiu do banheiro, Zacarias?

E ia para o escritório.

Julgo que tenho procedido com cavalheirismo, entrei a matutar uma noite. Amanhã, ponto final nisso. Como certe-

za ela imagina que vivo doido por encontrá-la. Quando, no outro dia, penetrei no jardim, fazia a promessa de nunca mais pôr ali os pés.

- A sinhá mandou pedir que esperasse um momento.

Não entendi.

- Como foi que você disse, Zacarias?

- Lá em cima, fez ele mostrando os dentes alvos.

Subi, desconsolado.

Receber-me! E eu que me tinha habituado a ouvir recusas!

Zacarias abriu o salão. Tudo transformado: o piano coberto, outras cortinas, uma tristeza que dava frio.

Senti-me obtuso. Nem sabia como tratar Luísa. Fulana ou D. Fulana? Complicação. Talvez ela se melindrassse com um tratamento familiar. Mas atirar-lhe dona, cara a cara, sem testemunhas, era tolice. Dificuldade.

Ia em plena atrapalhação, quando Luísa entrou. Estava de preto e muito pálida, foi só o que vi.

Com a cabeça baixa, aceitei a cadeira que ela me indicou e fiquei a olhar a mancha deixada pela sola do meu sapato numa almofada que desazadamente pisei. Sem me dar a mão, Luísa sentou-se. Creio que também se conservou cabisbaixa. Houve um silêncio estúpido.

- Vim aqui... arrisquei.

- Vem aqui sempre, atalhou ela. Não tenho querido recebê-lo...

Emendou:

- Não tenho podido. É a verdade: não posso.

Mordi os beiços. E, para acabar depressa:

- O que eu queria era declarar que me considero obrigado... moralmente obrigado...

Ela estremeceu, encarou-me:

- Obrigado a que, João Valério? A casar comigo?

- A acolher qualquer resolução sua, respondi timidamente. Supus... compreende? Não sei... Todos os dias me preparava para vir.

- E vem depois de dois meses, João Valério?

- Que havia de fazer? Um golpe, um abalo tão grande... e tive acanhamento. É natural. Se foi por isso que me fechou a porta uma semana...

- Não, disse ela erguendo-se. Não precisa justificar-se.

E, aproximando-se, falando-me quase ao ouvido:

- É que desapareceu tudo.

- Tem certeza? Perguntei levantando-me.

E percebi logo que a pergunta era idiota.

- Eu estava com algum escrúpulo, continuou Luísa. Talvez o Valério ainda fosse o mesmo... Estou agora tranqüila. Nenhum de nós sente nada, e o Valério finge tristeza... Para que mentir?

- Faz pena! Murmurei comovido.

.....

Eu agora era para ela um pequenino João Valério, guardalivros mesquinho.

- Adeus! balbuciou Luísa com uma lágrima na pálpebra.

- Adeus! gemi. (id., p. 219-221)

Sobre a influência dos fatores extralingüísticos no Ex.2., talvez pudéssemos lembrar alguns aspectos do caráter de João Valério, sempre inconstante, indeciso, tímido (como, aliás, ele mesmo se define no fim da narrativa: "A timidez que me obriga a ficar cinco minutos diante de uma senhora, torcendo as mãos, com angústia"). Luísa, bem mais objetiva, tem condições para compreender rapidamente que o caso está terminado.

Os dois meses de separação, o esfriamento dos sentimentos trouxe a João Valério um primeiro problema na sua estratégia conversional para o encontro com Luísa. Não sabia sequer como tratá-la, hesitando entre sua antiga e dupla condição de mulher do patrão e de amante. Resolve bem a questão: em nenhum momento do diálogo recorre a uma forma de tratamento. Nesse sentido, Luísa é mais precisa, alternando *João Valério*, usado na formalidade do armazém (ao lado de *o senhor*), com o simples *Valério*, dos encontros amorosos.

O problema do afastamento/intimidade que precede a entrevista prolonga-se por todo o diálogo, em que Valério não sabe como Luísa irá recebê-lo, mas sua estratégia conversacional serão as frases incompletas, as meias palavras que poderão evitar um comprometimento, que espera não concretizar.

Elementos pragmáticos marcam as condições da conversação: a mudança de um cenário conhecido pelos amantes, "uma tristeza que dava frio", a ausência de cumprimentos iniciais, o "silêncio estúpido" que se instaurou. Durante todo o diálogo, Valério "arrisca", "responde timidamente", faz pergunta idiota. Sua estratégia consiste em esperar uma revelação de Luísa e, por isso, recorre aos conhecimentos partilha-

dos, às frases incompletas, prontamente completadas por Luísa, inclusive por um assalto ao turno, indicado pelo verbo "atalhou":

- Vim aqui... arrisquei
- Vem aqui sempre, atalhou ela.
- O que eu queria era declarar que me considero obrigado... moralmente obrigado...
- Obrigado a que, João Valério? A casar comigo?
- A acolher qualquer resolução sua, respondi timidamente. Supus...compreende? Não sei...

Observe-se que Valério traduz bem suas "obrigações" que são de cunho puramente moral e não afetivo, o que é imediatamente compreendido por Luísa.

Por outro lado, Luísa revela-se, a princípio, indecisa, mas uma auto-correção esclarece praticamente suas intenções: não deseja continuar, embora não saiba quais são as reais intenções de Valério:

- (...) Não tenho querido recebê-lo...

Emendou:

- Não tenho podido. É a verdade: não posso.

Essa seqüência de verbos muito reveladora, ainda, não convence Valério. Mas, ao notar que este também não tinha intenção de continuar, pois já não a amava e, portanto, sua indecisão decorria disso, Luísa procura o afastamento. Optando por uma estratégia de análise fria dos fatos, recorre inclusive ao tratamento de terceira pessoa (o Valério), que marca bem a intenção de afastamento:

- É que desapareceu tudo.

.....

- Eu estava com algum escrúpulo, continuou Luísa. Talvez o Valério ainda fosse o mesmo... Estou agora tranqüila. Nenhum de nós sente nada, e o Valério finge tristeza... para que mentir?

O diálogo nos revela, nas diferentes atitudes dos interlocutores, na indecisão em revelarem suas reais intenções, de um lado, todo o receio de comprometimento de Valério e, de outro, a expectativa de Luísa de que ainda permaneça algum resquício e afeição no amante, o que poderia levar a uma hesitação em concretizar o rompimento com palavras mais diretas. Em ambos, o desencanto da perda do amor. O diálogo nos mostra a sua comoção, que se traduz num simples "Faz pena!", seguido da conclusão melancólica: "Eu agora era para ela um pequenino João Valério, guarda-livros mesquinho."

Para Luísa e Valério o trágico sentimento da ilusão amorosa desfeita, traduzido pragmaticamente no adeus "balbuciado", por um e no "gemido", por outro:

- Adeus! balbuciou Luísa com lágrimas na pálpebra.

- Adeus! gemi.

Ainda podemos observar neste diálogo como ele caracteriza bem o "discurso a dois", em que todo o texto se constrói com a colaboração de ambos os interlocutores.

De uma forma geral, podemos dizer que o texto define bem as estratégias conversacionais dos falantes. Valério, conforme vimos, procura Luísa constrangido, porque realmente não quer continuar o relacionamento e utiliza uma dissimulação constante, com frases incompletas, cujo significado pode dar margem a várias interpretações, pois sua intenção é ter certeza se Luísa quer efetivamente continuar o caso. Luísa pretende apenas saber se Valério irá ressentir-se com a separação, no caso de ainda amá-la. Seu objetivo é o mesmo: romper o relacionamento. Sua estratégia conversacional, a princípio, também é a da sondagem, depois torna-se mais direta: advinha as frases incompletas de Valério e sua intenção. Descoberta a verdade, muda de estratégia e torna-se clara e decisiva na análise dos sentimentos de ambos. E essa nova estratégia de Luísa definirá os rumos definitivos da interação.

Em resumo, Valério e Luísa, usando estratégias conversacionais diferentes, chegam a um objetivo final: a separação sem conflito. A essa estratégia de conversação, Tannen e Lakoff (op.cit) denominam de sinonímia pragmática ("o uso de diferentes artifícios lingüísticos para alcançar fins semelhantes").

Embora se trate de uma situação amorosa absolutamente banal, não podemos deixar de reconhecer que esse diálogo construído guarda muitas semelhanças com a fala natural e revela, sob muitos aspectos, o uso perfeito de estratégias conversacionais, com vistas a obter um resultado desejado.

Considerações finais

Poderíamos resumir, aqui, as etapas que devem ser trilhadas, nesta teoria da "conversação literária":

1. Estudo dos fatores extralingüísticos, trazidos pelas informações de ordem pragmática, em torno do diálogo construído, podendo-se lançar mão da teoria da variação lingüística, no caso da caracterização das personagens, além das informações contextuais do narrador.
2. *Estudo da interação propriamente dita, levando-se em conta as estratégias conversacionais estabelecidas a priori, por meio das informações do narrador.*
3. Acompanhamento das estratégias conversacionais das personagens, como se comportam e suas possíveis alterações, no decorrer da interação.
4. Análise dos objetivos atingidos pelo uso das estratégias conversacionais, no início e durante a conversação.

Abstract

This text tries to define the conversational strategies used by characters in the literary dialogue, to reach these aims in the oral interaction, taking into consideration the pragmatic conditions which enclose the constructive dialogue. Examples from Graciliano Ramos' romance are quoted to show the various stages which constitute a theory to the "literary conversation".

Keywords: literary dialogue; conversational strategies; linguistic variations; pragmatic factors in conversation.

Referências

- BERSTEIN, Basil. *Class, codes and control*. London: Routledge, 1971.
- BROWN, Penelope & LEVINSON, Stephen. *Politeness: some universals in language use*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Trad. de Maria C.S.Raposo. Petrópolis: Vozes, 1989.
- HALLIDAY, M.A.K. *Spoken and written language*. Oxford: Oxford University Press, 1985.
- KOCH, Ingedore Villaça. *A inter-ação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 1992.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Pragmática para o discurso literário*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Oralidade e escrita. *Signótica* (Goiânia), v.9, p.119-145, jan./dez. 1997.
- OCHS, Elinor. Planned and unplanned discourse. In: GIVÓN, Talmy (ed.) *Discourse and syntax, syntax and semantics*. New York: Academic Press, 1979.
- PRETI, Dino. Mas, como devem falar as personagens literárias? *Revista da ANPOLL*, v. 3, p. 43-61, 1997.
- RAMOS, Graciliano. *Caetés*. São Paulo: Schmidt, 1933.
- TANNEN, Deborah & LAKOFF, Robin. Conversational strategy and metastrategy in a pragmatic theory – the example of scenes from a marriage. In: TANNEN, Deborah, (org.). *Gender and discourse*. New York/Oxford: Oxford University Press, 1994. p. 137-174.
- URBANO, Hudinilson. *Oralidade na literatura*. São Paulo: Cortez, 2000.